

ACTAS DEL III CONGRESO
DE LA
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Salamanca, 3 al 6 de octubre de 1989)

Edición al cuidado de
María Isabel Toro Pascua

Tomo I



SALAMANCA

BIBLIOTECA ESPAÑOLA DEL SIGLO XV
DEPARTAMENTO DE LITERATURA ESPAÑOLA E HISPANOAMERICANA

1994

ISBN: 84-920305-0-X (Obra completa)

ISBN: 84-920305-1-8 (Tomo I)

Depósito Legal: S. 1014-1994

Imprime: Gráficas VARONA

Rúa Mayor, 44. Teléf. 923-263388. Fax 271512
37008 Salamanca

Didactismo e verosimilhança no *Conde Lucanor*

Margarida MADUREIRA

O texto literário, enquanto estrutura de comunicação, deve fornecer o conjunto de normas e convenções, das quais depende a eficácia do acto de linguagem¹. Estas não devem, no entanto, ser encaradas apenas no plano da utilização de recursos estilísticos e textuais, como a absorção passiva, no espaço do texto, de configurações estereotipadas e imóveis, mas no quadro do diálogo que se estabelece entre o texto e as expectativas do leitor. Segundo Thomas Pavel, que retoma aqui a teoria de David Lewis, «[...] les conventions répondent à des problèmes de coordination sociale en établissant un système flexible mais stable d'attentes mutuelles»². As convenções textuais constituem, assim, uma componente fundamental do pacto que se estabelece entre o texto e o leitor.

É a partir deste conjunto de normas e convenções que o texto desenvolve mecanismos de verosimilhança, que há pois que distinguir da pretensão de veracidade, característica apenas de alguns textos de ficção³. Conclui-se facilmente que a noção de verosimilhança deve ser posta em correlação com as estratégias que o texto desenvolve no sentido de garantir a sua coerência ideológica, por um lado, e controlar a recepção, por outro. Na análise que em seguida farei do *Conde Lucanor*, procurarei determinar a função da verosimilhança na estratégia persuasiva que o texto constrói, tendo em vista uma eficácia pragmática.

A primeira parte do *Conde Lucanor*, a que mais frequentemente tem retido a atenção dos críticos, desenvolve-se em dois níveis narrativos. É constituída por breves textos narrativos de segundo nível, com uma finalidade exemplar, encaixados numa fragmentada e elementar narrativa primeira, organizada em forma de diálogo (questão-resposta). É nesta narrativa primeira que são expostas as razões e desenvolvidos os argumentos em que se apoiam os preceitos de conduta. No final de cada um destes fragmentos textuais, em termos de síntese aforística, é enunciada uma máxima da responsabilidade do próprio autor. Este funciona, assim, como instância garante (autoridade) da validade não só dos

¹ Wolfgang Iser, «La fiction en effet. Éléments pour un modèle historique-fonctionnel des textes littéraires», *Poétique*, 39 (1979), págs. 275-298. A reflexão teórica desenvolvida neste artigo revelou-se fundamental para a realização deste trabalho.

² «Convention et représentation», *Littérature*, 57 (1985), pág. 41.

³ Ver Thomas Pavel, *art. cit.*

preceitos, mas de todo o discurso textual⁴. O *Conde Lucanor* aparece, pois, como devedor de dois tipos de textos: textos narrativos breves (exemplo, fábula, «conto», etc.) e textos casuísticos, procurando, tal como estes, definir as regras de aplicação da doutrina; no caso, estabelecer princípios de conduta humana que sejam conformes à doutrina cristã.

Poder-se-ia aplicar ao exemplo do *Conde Lucanor* a regra que Jules Gritti atribui ao objecto casuístico medieval: «L'action morale doit obéir à une double (et unique) règle ontologique: la 'vérité', c'est-à-dire le système cohérent qui va de la loi éternelle jusqu'aux lois positives, et la 'finalité' qui est cette même vérité en tant qu'elle meut réellement la nature de l'homme»⁵. Os preceitos de conduta aparecem, deste modo, como duplamente condicionados: por um lado, pela doutrina, cujas verdades fundamentais (e fundadoras) são sumariamente expostas na 5ª parte da obra; por outro, pelo campo a que se circunscreve a acção humana, cujo carácter contingente se destaca claramente da relação estabelecida entre histórias e argumentos, na 1ª parte.

A relação que se estabelece entre a doutrina e os casos humanos não é imediata. A doutrina delimita espaços possíveis da acção humana⁶, quer dizer, da relação entre o homem e o mundo e entre o homem e a salvação, cujos pólos extremos são o apego ou o desapego total para com as coisas do mundo. A obra selecciona um destes campos possíveis da acção humana previstos pela doutrina, e é em função dessa escolha que os conceitos e razões ganham, simultaneamente, pertinência moral e eficácia pragmática. Esta escolha é facilmente inferível dos conceitos e argumentos postos em jogo nas quatro primeiras partes da obra (cf. os conceitos centrais de «onra» e «estado» e a sua articulação com o conceito de «salvamiento»; ou, em termos mais concretos, o Exemplo III, sobre Ricardo Coração de Leão e o ermita); explicita-se de maneira mais evidente na 5ª parte que, expondo os princípios fundamentais da doutrina cristã, recusa a abstracção teológica para os reportar à acção humana⁷.

O campo da acção humana que a obra delimita, e que é determinante para o modo de aplicação dos princípios da doutrina cristã, representa uma opção ideológica. Com efeito, a obra recusa a separação entre o mundo material e o

⁴ «E entendiendo don Johan que estos exiemplos eran muy buenos, fizolos escribir en este libro, e fizo estos viessos en que se pone la sentençia de los exiemplos», *Libro de los exiemplos del Conde Lucanor e de Patronio*, ed. Alfonso I. Sotelo, Madrid: Cátedra, 1986, pág. 82.

⁵ «Deux arts du vraisemblable: la casuistique et le courrier du coeur», *Communications*, 11 (1968), págs. 99–100. Similaridades verificadas nas configurações dos textos analisados levaram-me a retomar algumas considerações de Jules Gritti.

⁶ Cf. Jules Gritti, *art. cit.*

⁷ «Otrosí, los que pasan en el mundo cobdiçiendo fazer porque salven las almas, pero non se pueden partir de guardar sus onras e sus estados, estos tales pueden errar e pueden açertar en lo mejor; ca si guardaren todas estas cosas que ellos quieren guardar, guardando todo lo que cumple para salvamiento de las almas, açiertan en lo mejor e puédenlo muy bien fazer», *El Conde Lucanor*, págs. 354–355.

mundo espiritual, entre o humano e o divino⁸. Recusa, pois, o desprezo das coisas do mundo e a superioridade da vida contemplativa sobre a vida activa. Os conceitos de «onra» e «estado», que estruturam um primeiro plano de significação da obra, são inseparáveis do conceito de «salvamiento», para o qual reenviam no plano mais elevado do sentido e da finalidade atribuídos à vida humana, no quadro da sistematização doutrinária.

A articulação dos conceitos de «onra» e «estado» e de «salvamiento» confere às acções humanas um duplo significado, que a obra eventualmente explicita, como nas narrativas de que é feita interpretação alegórica (cf. Exemplos XLVIII e XLIX). Esta articulação de conceitos pertencentes a sistemas distintos permite o reenvio dos casos humanos para exposição doutrinária e vice-versa (cf. págs. 344–347), isto é, permite verificar o sentido e a finalidade da precária vida humana. Deste modo se complementam os sentidos humanos e o sentido divino.

A coerência e a unidade da doutrina contrastam com a dispersão e a heterogeneidade das acções humanas, manifestação da sua natureza contingencial. Assim, vários preceitos e aforismos enunciados tanto nos versos que finalizam cada exemplo, como ao longo das 2^a, 3^a e 4^a partes, se aproximam quanto ao significado, sem se redizerem exactamente. É essa contingência da acção humana que o texto procura reduzir tendo em vista o estabelecimento de preceitos que a orientem com segurança e, simultaneamente, constituam parâmetros para a sua avaliação moral.

A contingência surge na passagem do plano mais elaborado e mais abstracto da doutrina para o plano da realização. A narrativa tem, no *Conde Lucanor*, uma função exemplar, importando menos enquanto representação duma realidade efectiva do que enquanto modelo paradigmático. Nessa medida, a verosimilhança assenta principalmente na articulação lógica entre um discurso narrativo e um discurso sistemático, e não na criação de uma ilusão de autenticidade. O discurso sistemático é composto tanto por um conjunto de preceitos pragmáticos, supostamente exaustivos de modo a abrangerem todas as possíveis variações da conduta humana⁹, como pela exposição dos princípios da doutrina cristã que orientam, do ponto de vista moral, a formulação dos preceitos. É quando se passa para o plano concreto, embora virtual, da realização humana que o texto dá conta de uma experiência empírica. Entre o preceito de conduta e o plano contingente da sua aplicação revelam-se as falhas do sistema¹⁰. Daí a insistência no valor da experiência¹¹, representada também na figura do bom conselheiro: a experiência

⁸ As boas obras «le ayudan a los bienes deste mundo para aver salud e onra e riqueza e las otras bienandanzas del mundo», *ibidem*, pág. 343.

⁹ «E sería maravilla si de qualquier cosa que acaezca a qualquier omne, non fallare en este libro su semejança que acaesçió a otro», *ibidem*, pág. 69.

¹⁰ «[...] ca en los más de los consejos non puede omne fablar çiertamente, ca non es omne seguro a que pueden recodir las cosas», *ibidem*, pág. 125. A concepção do texto de ficção como colmatando as falhas do sistema ideológico é retomada de Iser: cf. *art. cit.*

¹¹ «[...] más saben los que mucho an visto e provado, que los que nunca passaron por las cosas», *ibidem*, pág. 283.

controla a pertinência do preceito em relação ao caso, enquanto que o saber teológico controla a sua validade em relação à doutrina.

O nível mais elementar de sistematização é formado por um conjunto de preceitos não articulados, como se vê pelo processo de simples justaposição utilizado nas quatro primeiras partes da obra. A sua coerência e a sua veracidade acham-se por inclusão num nível de sistematização superior, mais elaborado: a doutrina cristã; a sua eficácia pragmática depende do controlo exercido pela experiência. As falhas deixadas em aberto a este nível dão lugar, no campo da realização humana, a uma margem de decisão, dependente de uma correcta interpretação dos dados contingentes, só aqui sendo possível reduzir as alternativas¹². Contingência não significa, no entanto, total arbitrariedade. A experiência permite determinar constantes do comportamento humano e, assim, transpor, em certa medida, a opacidade das aparências. Os «señales que paresçen», obscuros quanto à sua significação, podem tornar-se mais claros quando interpretados em função de motivações que, de acordo com variáveis como a idade, o sexo, etc., correspondem a constantes do comportamento humano¹³.

A história–quadro é composta por narrativas esquemáticas, lacunares, não concretizadas e não saturadas¹⁴: os casos expostos, apenas em linhas muito gerais, pelo Conde Lucanor. Repare-se que mesmo a solução final fica por diversas vezes em suspenso, na medida em que são deixadas em aberto sucessivas hipóteses. Em relação a esta fragmentária narrativa primeira, a narrativa exemplar encaixada expõe uma solução. O processo seguido é o da analogia; acontece eventualmente serem as situações de tal modo semelhantes que a história de segundo nível parece preencher as lacunas narrativas da «história» de primeiro nível. Pelas falhas da concretização, o caso enunciado pelo Conde Lucanor reenvia para o campo concreto da actividade humana: deixa lugar à contingência que a própria experiência deverá controlar. Nessa medida, a história–quadro constitui, apesar do seu mais elevado grau de abstracção, ou mesmo por causa dele, uma abertura para o concreto, para o campo real da acção humana. Pode, por isso, funcionar como modelo de recepção pragmática da obra, que deverá pôr em correlação o ensinamento e a experiência empírica própria.

Na 5ª parte do *Conde Lucanor*, são definidos os dois conceitos morais extremos, a partir dos quais deve ser avaliada a conduta humana: o bem e o mal. A boa ou má acção não se definem, no entanto, apenas pelas suas características

¹² «E vos, señor conde Lucanor, si entendedes que aquel vuestro enemigo a tan grand reçelo de aquel otro de que se reçela [...]. E si fallardes en 'l siempre buena obra e leal [...] estonçe faredes bien e será vuestra pro de vos ayudar porque otro omne estraño non vos conquiera nin vos estruya. [...] Pero si vierdes que aquel vuestro enemigo es tal o de tal manera, que [...] si él tal fuer, faríades mal seso en le ayudar [...]», *ibidem*, págs. 113–114.

¹³ Refiro-me a generalizações do tipo: «E vien cred que quanto los moços son más sotiles de entendimiento, tanto son más aparejados para fazer grandes yerros para sus faziendas», *ibidem*, pág. 84.

¹⁴ A noção de saturação é aplicada à estrutura da narrativa exemplar por Karlheinz Stierle, «L'histoire comme exemple, l'exemple comme histoire. Contribution à la pragmatique et à la poétique des textes narratifs», *Poétique*, 10 (1972), págs. 176–198.

intrínsecas, mas também pelas qualidades do agente humano: o estado de salvação, a plena escolha, a intenção, por exemplo. É possível determinar, então, gradações intermédias do bem menor e do mal menor¹⁵. A delimitação de um campo possível da acção humana restringe estes conceitos abstractos, concretizando-os em conceitos pertinentes e eficazes em função de uma realização efectiva: os conceitos de «onra» e «estado», por um lado, e o conceito de «salvamento», por outro.

Ao contrário do que se poderia supor, a verosimilhança constitui aqui um importante princípio de construção textual: por um lado, a hierarquização de conceitos, a partir da qual se estrutura a significação da obra, e que permite colmatar as lacunas de cada sistema, tem em vista a procura da verosimilhança; por outro, na medida em que se destaca da abertura para o plano das realizações concretas, a verosimilhança evidencia a pertinência e a eficácia dos sistemas que articula: é neste efeito de transparência que assentam os mecanismos persuasivos. A verosimilhança assinala, assim, a passagem da abstracção doutrinária para o plano concreto, ainda que virtual, da acção humana. Por isso o texto apenas se torna verosímil a partir do momento em que se considera a realização do ponto de vista da experiência e da contingência.

Os conceitos de «onra» e «estado» estruturam-se, por sua vez, em função de eixos de oposição simples e imediatamente exclusiva: proveito/diminuição. «Onra» e «estado» constituem conceitos directamente aplicáveis à realização humana: são, pois, verosímeis, e não verdadeiros. A avaliação moral da conduta humana exige a sua referência à Verdade: assim, estes conceitos reenviam para um outro sistema de sentido, hierarquicamente superior, em que o bem e o mal polarizam os valores fundamentais. A estrutura semântica da obra assenta na sobreposição hierárquica e na dicotomia.

A procura da verosimilhança diz respeito, por outro lado, à delimitação de um espaço de pertinência e de eficácia da obra ao nível da recepção. Tendo um cariz fundamentalmente didáctico, a obra visa atingir um máximo efeito sobre o destinatário: pretende não só convencê-lo, mas também orientá-lo na sua conduta, em função de escolhas prévias realizadas nos campos possíveis de actuação fixados pela doutrina. Estes objectivos levam à utilização de uma estratégia de persuasão, que tem por base a programação de relações de comunicação verosímeis. Um dos aspectos fundamentais a ter em conta consiste na utilização de mecanismos que permitam reduzir o carácter contingencial da comunicação literária¹⁶. Parece-me importante referir que esta exigência é sintoma de uma percepção, ainda que não inteiramente consciencializada, da natureza do fenómeno literário, assinalando a passagem do exemplo destinado à predicação ao exemplo literário, destinado à leitura. A isto não é, sem dúvida, alheio o facto de Don Juan Manuel ser um dos primeiros escritores espanhóis a manifestar consciência do trabalho literário, como

¹⁵ «E assí, todo bien que omne faga a cualquier entención sienpre es bueno, mas sería muy mejor para salvamiento e aprovechamiento del alma guardando las cinco cosas dichas», *El Conde Lucanor*, pág. 243.

¹⁶ Cf. W. Iser, *art. cit.*

o atestam diversas remissões para outras obras do autor, que se complementariam na construção de uma visão «total» do mundo contemporâneo. A intenção didáctica será, pois, necessário associar uma intenção estética, não autónoma, que se manifesta, nomeadamente, na arte de narrar.

Um processo simples, no sentido de reduzir o carácter contingencial da comunicação literária, consiste na representação de uma situação de comunicação fictícia: o diálogo entre o Conde Lucanor e Patronio. As regras que presidem aqui à circulação da informação encontram-se fixadas por meio de fórmulas que, com pequenas variações, se repetem ao longo de toda a primeira parte da obra. Para além disso, o esquema simples de questão-resposta, que organiza a relação de comunicação entre o Conde Lucanor e Patronio, acha-se reproduzido em vários exemplos, criando um jogo de espelhos, por diversas vezes estudado. Uma das funções deste jogo de espelhos é a criação da possibilidade do reconhecimento, que desencadeia mecanismos de identificação, nos quais se apoia a eficácia do exercício didáctico, enquanto reforço do sistema ideológico dominante¹⁷.

A função de mediação que desempenha o diálogo entre o Conde Lucanor e Patronio é evidente. Por um lado (já me referi a isso), ele abre para a experiência contingencial e concreta, que se acha já reduzida nas histórias exemplares devido à sua estruturação em função de um desfecho. O diálogo permite conceber, assim, um campo (aberto) de aplicação pragmática do exemplo. Por outro lado, expondo os argumentos, o diálogo clarifica a relação que vai do verosímil ao verdadeiro, quer dizer, desenvolve um raciocínio, sempre coerente, pelo qual se justifica o modo de aplicação da doutrina à experiência e, a partir daqui, os preceitos de conduta, cujo grau de previsibilidade aumenta ao longo da obra. Os argumentos preenchem discursiva e logicamente os vazios deixados em aberto pela descontinuidade dos preceitos, contribuindo para uma representação da realidade humana não só coerente, como «total», sem falhas.

O diálogo assume igualmente o papel de mediador no processo de comunicação na medida em que representa a relação de comunicação que o texto estabelece com o leitor. A representação de uma relação de comunicação verosímil passa pela criação de uma polifonia ilusória, anulada tanto pelo recurso a fórmulas discursivas, como pelo reenvio incessante para a voz do autor (cf. final de cada exemplo). Entre o discurso de Patronio e o discurso do autor estabelecem-se reenvios mútuos¹⁸, de tal modo que, finalmente, os dois discursos apenas se distinguem por meio da explicação (sempre presente) do seu enunciador. Este diálogo fictício entre o Conde Lucanor e Patronio, não sendo uma comunicação efectiva (como se pode ver pela 5ª parte que refere por diversas vezes o receptor sem que a sua voz se faça ouvir), representa, no entanto, a comunicação. O discurso do texto permanece, afinal de contas, monológico: deste modo, o diálogo

¹⁷ *Ibidem*, pág. 296.

¹⁸ «mas, si lo quisierdes saber cómo es e cómo puede ser e cómo devía ser, fallarlo hedes más declarado que por dicho e por seso de omne se puede dezir e entender en 'l libro que don Johan fizo a que llaman *De los Estados* [...]», *El Conde Lucanor*, pág. 337.

fictício entre o Conde Lucanor e Patronio pode representar simultaneamente o verosímil e o verdadeiro.

A pretensão didáctica e persuasiva da obra assume a contingência (da experiência ou do diálogo), mas para, num movimento de retorno, a controlar e reduzir. O controlo da contingência realiza-se com base numa rede de reenvios unívocos, a partir da sobreposição hierárquica de sistemas conceptuais, compondo uma estrutura fechada que a obra reproduz no plano da sua composição (caso-argumentos-preceitos-doutrina). O reenvio para níveis de sistematização mais abstractos e mais elaborados permite colmatar sucessivamente as lacunas verificadas nos níveis inferiores, mais concretos, e ao mesmo tempo preencher os desajustes entre a doutrina e a experiência possibilitando a sua aplicação ao espaço do conflito humano. A hierarquização de sistemas e o correspondente fechamento estrutural fazem da Verdade da doutrina (5ª parte) a cúpula de todo este edifício. Nessa medida, o verosímil tende, num segundo momento, a ser entendido como manifestação concreta dos desígnios divinos¹⁹, sendo assimilado à própria Verdade.

¹⁹ «mas porque si todos lo fiziessen sería desfazimiento del mundo, e Nuestro Señor non quiere del todo que el mundo sea de los omnes desanparado, por ende non se puede escusar que muchos omnes non passan en 'l mundo por estas tres maneras dichas», *ibidem*, pág. 355.